
*Borges de Medeiros no limiar da velhice:
considerações sobre um estudo biográfico*

*Carlos Dias**

Resumo: Este artigo apresenta alguns aspectos da trajetória política de Borges de Medeiros, destacando, pelo prisma do enfoque biográfico, sua relação com a velhice.

Abstract: This article presents a few aspects of the political career path of Borges de Medeiros, highlighting his relationship with old age from a biographic point of view.

Palavras-chave: Borges de Medeiros, velhice, trajetória.

Key words: Borges de Medeiros, old age, career path.

Este artigo é parte da introdução da dissertação de mestrado¹ apresentada em agosto de 2001, sob o título *Antonio Chimango no limiar da velhice (Apontamentos sobre a trajetória política de Borges de Medeiros: 1928-1934)*. Nesse sentido, acreditamos trazer algumas contribuições, salientando a preocupação em repensar a história recente gaúcha pelo prisma do enfoque biográfico, afinal, essa abordagem tem suscitado, particularmente, inúmeras inquietações em torno de algumas questões que circundam o objeto da pesquisa.

No trabalho em questão, procuramos investigar alguns vestígios que nos pudessem levar à compreensão de como Borges de Medeiros – um líder reverenciado e elogiado na juventude – sofreu e reagiu às inúmeras e contundentes críticas ao longo da vida madura e, principalmente, no limiar da velhice, fato que está, de certa forma, presente em sua fala de 1925, abaixo mencionada.²

* Mestre em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); e-mail: cgpdias@hotmail.com

Nesse sentido, o interesse da pesquisa foi estudar a vivência de Borges de Medeiros como um político atuante no Rio Grande do Sul, a forma como se configura a sua atuação política, entre 1928 e 1934. Essa problemática surgiu com a leitura de uma expressão utilizada em meados de 1934, numa reportagem do jornal *A Nação*, em alusão à trajetória política do velho líder republicano, na qual Borges de Medeiros era tido como alguém que tinha uma “velhice reverdecida”.

Antonio Augusto Borges de Medeiros: um homem centenário (1863-1961)

Num fim de tarde de dezembro de 1925, no encerramento de uma sessão ordinária da Assembléia do Estado do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, emocionado, profere as seguintes palavras:

Já transpus o limiar da velhice, a qual cheguei esquecido de mim mesmo, e não terei certamente a ventura de acompanhar-vos senão até certa altura na luminosa trajetória, que ainda deveis percorrer no cenário da política brasileira (Fontoura, 1958, p. 357).

Essas palavras de Borges de Medeiros são muito significativas. De um lado, elas têm por interlocutor o povo rio-grandense, através de seus representantes presentes na sala, a quem Borges diz que dedicou sua vida pessoal e, de outro, elas dão a entender que ele encerra esse capítulo da história do Estado, durante o qual ele tinha tido decisiva participação nos rumos do processo político, graças ao suporte do Partido Republicano Rio-Grandense.

Ao longo de 30 anos, Borges de Medeiros foi o presidente do Rio Grande do Sul, ocupando o mais importante cargo político da administração pública. Atualmente, aquela declaração feita em 1925 pode ser questionada, indo ao encontro do pensamento de Beauvoir, quando ela diz que a idade modifica a nossa relação com o tempo. É bem verdade que os *áureos* anos da influência de Borges estavam chegando ao fim, mas ele ainda continuaria sendo uma pessoa influente nos bastidores das decisões políticas até sua morte em 1961.

Quarenta anos após a morte de Borges de Medeiros, analisamos seus vestígios, empoeirados pelo tempo, fato que dificulta a nossa observação pela simples e complexa relação existente entre as diferentes temporalidades que funde o *nosso tempo* com o *tempo do outro*.

Naquele tempo havia um homem lá. Existiu, quando não existíamos. Assim, já não seremos, quando outros narrarem a nossa história, como tendo ocorrido “naquele tempo”. Nosso início e fim, como nossos tempos “idos” e o “por vir”, o passado e o futuro nossos, estão relacionados com os outros. Nosso passado é o futuro de outros, assim como o nosso presente é o passado de outros. Somos os outros (Heller, 1993, p. 55).

O desafio de aproximar-se do “tempo perdido”³ daquele que não mais existe concretamente nos instiga a investigar a trajetória de Borges de Medeiros e apreender o “tempo” de alguém que estivera em “tempos idos”. Michel de Certeau nos lembra que a “relação do historiador com um vivido, a possibilidade de fazer reviver ou de ressuscitar um passado, [enfim], restaurar um esquecimento é encontrar os homens através dos traços que eles deixaram (Certeau, 1982, p. 46). Em outras palavras, o historiador, na perspectiva de Raul Girardet:

Em sua vontade de conhecer e de compreender o desenrolar da aventura humana através do tempo, não é afinal inútil que ele se lembre de que há portas que não poderá jamais forçar, de que há limites que não poderá jamais transpor[...] (Girardet, 1987, p. 24).

Ao nos depararmos com alguns traços que marcam o desenrolar de uma vida, identificamos um passado que se estende ao presente,⁴ ali permanecendo, revelando aos poucos, a partir de questionamentos, elementos que nos ajudam a compreender uma pessoa (Agostinho, 1996, p. 328).

Breves *flashes* nos permitem acompanhar alguns dos *passos* de Borges de Medeiros em sua longa caminhada política. O perrepista assumiu o governo estadual com apenas 35 anos, em 1898, cargo que ele manteve por cinco mandatos até 1927. Entre os anos de 1922-1923, Borges enfrentava uma ferrenha oposição política que visava tirá-lo da presidência do Estado, objetivo alcançado através do Pacto de Pedras Altas que impede a reeleição de Borges de Medeiros, forçado a se despedir da chefia do governo estadual em dezembro de 1927. Aos 68 anos, ele é um participante de última hora na Revolução de 30 e dois anos mais tarde, já septuagenário, Borges lançava-se na luta pela constitucionalização do País em 1932. Em virtude dessa atitude, ele viria a sofrer um duro golpe pessoal: o exílio político que o afastou do Rio Grande do Sul, dos seus familiares e amigos por cerca de dois anos. Borges sofreria outro abalo, em 1937, ao perder, juntamente com outros líderes, os seus direitos políticos com o decreto que instaurou o *Estado Novo*. Em 1945, com o fim do Estado Novo, ele retorna à vida pública e apóia a União Democrática Nacional (UDN) em 1946, em oposição a Getúlio Vargas. Borges de Medeiros falece em 1961 aos 97 anos de idade, quase um homem centenário!

* * *

A trajetória de Borges de Medeiros, à luz de interpretações diferenciadas, tem nos dito mais sobre suas vitórias e sua “*gloriosa*” atuação política ao longo da Primeira República do que sobre suas frustrações e derrotas. Buscamos, na documentação histórica⁵ e na historiografia em geral, informações sobre tais fatos e valorizamos tanto as descrições de seus admiradores como a de seus críticos.

Tal problemática nos remete à importância que as análises de cunho biográfico⁶ recuperaram nos últimos anos a qual está relacionada aos novos desafios impostos à história, o que muito apropriadamente levou Roger Chartier a diagnosticar, na historiografia contemporânea, um momento de “incertezas”, “desafios”, “dúvidas”. Em outras palavras, com a abordagem biográfica, pretendemos valorizar a dimensão da individualidade junto às questões mais amplas da sociedade.

Em linhas gerais, é o esforço de criar a imagem de um homem complexo, contraditório, que deve conduzir o biógrafo, como escreve Giovanni Levi, a “construir uma narrativa que dê conta dos elementos contraditórios que constituem a identidade de um indivíduo e das diferentes representações que dele se possa ter conforme os pontos de vista e as épocas” (Levi, 1996, p. 170-1).

Seguindo nesse sentido, podemos entender que a biografia é o encontro do longo tempo geográfico com o curtíssimo tempo biológico da vida humana.

A biografia é um filme que acompanha a trajetória do biografado, mostra-o freqüentemente em *close*, mas não descuida do cenário, do segundo plano. Várias vezes mesmo, prefere tomadas de grande angulação para ver o personagem de corpo inteiro e inserido na paisagem em que atua e que transforma (Franco Jr., 1996, p. 74).

Houve épocas em que uma biografia histórica articulava-se pela relação entre história e heroicidade. Nossa ambição com este trabalho é diversa: buscamos retirar Borges de Medeiros da posição de “monumento” da história política gaúcha e viabilizar um diálogo entre o indivíduo e seu contexto. Analisar a trajetória individual/política de Borges nos permite compreender os valores e regras da ação política que “organizavam” o mundo social em épocas passadas.

Em sua obra *Mitos e mitologias políticas*, Raoul Girardet, ao buscar uma compreensão para a diversidade do significado dos mitos, mais exatamente sobre o mito político, coloca-nos que

o mito deve ser concebido como uma *narrativa*: narrativa que se refere ao passado (“Naquele tempo...”, “Era uma vez...”), mas que conserva no presente um valor eminentemente explicativo, na medida em que esclarece e justifica certas peripécias do destino do homem ou certas formas de organização social. O *mito político* é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ela exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente (Girardet, 1987, p. 12-13, grifos nosso).

No entendimento de João Pio de Almeida (1928), Borges de Medeiros foi um personagem real, mas visto como mito político, ou seja, por um lado, construído por aqueles que acreditam, o mito só pode ser verdadeiro; por outro lado, analisado objetivamente, ele deixa de ser mito para ser apenas um homem comum. Para João Pio de Almeida, fiel a seus vínculos conservadores-positivistas, em Borges transparece o sentido da “justa medida”, a “cautela”, a “ponderação” e, assim, a confiabilidade em Borges é depositada no movimento de esperança que ele propaga em seus discursos ao longo de sua trajetória política.

Visto sob esse prisma, o personagem Borges de Medeiros resultaria dos valores éticos de toda uma mentalidade coletiva. Em outros termos,

processo de identificação de um destino individual e de um destino coletivo, de um povo inteiro e do intérprete profético de sua história, que com toda evidência encontra sua realização exemplar nesses grandes “chefes” ditatoriais de que nosso século viu multiplicarem-se as imagens (Girardet, 1987, p. 79).

Nos apropriando do entendimento de José Murilo de Carvalho, podemos entender como um líder⁷ da estirpe de Borges de Medeiros, “por ser parte real, parte construído, por ser fruto de um processo de elaboração coletiva, nos diz menos sobre si mesmo do que sobre a sociedade que o produz” (Carvalho, 1990, p. 14).

Em 1932, com quase 70 anos, Borges interrompeu uma velhice relativamente tranqüila ao que parece, em sua fazenda de Irapuazinho,⁸ envolvendo-se na luta pela constitucionalização do País. Esse parece ser um momento decisivo na trajetória de Borges.⁹ O passado estende-se ao presente de Borges de Medeiros e, em seus vestígios, transparece o anseio ambíguo de continuar na cena política ou recolher-se.

De fato, a referência à história, o peso da *lembrança* desempenha, aqui, um papel essencial: não é nada mais que o passado – um passado de ordem ou de glória – que se vê chamado a socorrer o

presente – um presente de confusão ou de derrota. Daí, no discurso do legendário desse tipo, o lugar essencial ocupado pelos princípios de continuidade e de estabilidade, pelos valores de permanência e de conservação. E a terra que se evoca, essa terra “que não morre”, imutável, nutriente, maternal, fonte de toda a vida renascente (Girardet, 1987, p. 74) [Grifos nossos].

Ao se referir à liderança que o velho chefe republicano possuía nos anos 30, mesmo afastado do governo, João Neves da Fontoura comentava “a incontestável influência que Borges de Medeiros exerceu mesmo quando se achava distante do poder e até no ostracismo ou no exílio” (Fontoura, 1958, p. IX-X). Percorremos a assertiva de Fontoura para entender como a “política do silêncio” engendra e reconduz a atuação de Borges de Medeiros no exílio:

A política do silêncio é aquela de um homem prudente que se cuida, se conduz com circunspeção, que não se abre sempre, que não diz totalmente aquilo que pensa, que não explica sempre sua conduta e seus desígnios, que, sem trair os direitos da verdade, não responde sempre claramente, para não se deixar descobrir¹⁰ (Dinouart, 1996, p. 44-45) [tradução nossa].

O ostracismo político¹¹ de Borges de Medeiros parece tirar-lhe a força com que antes se impunha no cenário político. Impedido de falar em seu *locus* de origem, sua atuação política fragiliza-se.¹²

Em muitas passagens,¹³ ao longo dos anos posteriores à sua saída do governo estadual, Borges utiliza expressões como *avelhantado* e *cansado* ou *minhas débeis forças*, o que nos leva a concordar com Ecléa Bosi quando observa a “auto-imagem” projetada por aqueles que alcançam o limiar da velhice:

Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está ocupado consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida (Bosi, 1994, p. 60).

Em seu livro *A velhice*, Simone de Beauvoir faz um importante e belo ensaio sobre o tema¹⁴ e nos ensina que é preciso tê-la atingido para compreender o sentido retumbante da vida.

Existir, para a realidade humana, é temporalizar-se. A idade modifica nossa relação com o tempo; ao longo dos anos, nosso futuro encolhe, enquanto nosso passado vai-se tornando pesado. Pode-se definir o velho como um indivíduo que tem uma longa vida por trás de si e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada (Beauvoir, 1990, p. 445).

O septuagenário Borges de Medeiros parece ter feito o mesmo: o “*sentido retumbante da vida*” desse homem era a cena política e foi assim que, nesse período analisado, o velho chefe republicano voltou-se para algumas reflexões acerca dos rumos políticos do País, fazendo disso o substrato de sua vida.

* * *

Embora se lance constantemente um desafio irresolúvel ao biógrafo – escrever a trajetória de um indivíduo enumerando os incontáveis aspectos de sua vida – é no discurso histórico que irão transparecer as ambigüidades de uma trajetória. O desafio é igualmente válido ao biógrafo na sua instigante tarefa de resgatar a intencionalidade de indivíduos passados, ou como diria Michel de Certeau, re-presentar mortos no decorrer de um itinerário narrativo (Certeau, 1986, p. 107) ao leitor; afinal, a vida, numa biografia, impõe-se à morte (Orieux, 1986, p. 40).

Assim, ficar por detrás do biografado é captar sua percepção de mundo, ou seja, aproximar-se desse homem, interrogar-se: quem foi ele?

Obviamente a questão envolve, num sentido ainda maior, não só a natureza humana, mas também o desenvolvimento físico e intelectual do homem; não só o alcance do conhecimento humano, mas também a extensão da liberdade do homem (livre-arbítrio), as suas tendências morais, enfim, o seu poder para moldar o seu próprio destino (Baumer, 1977, p. 30).

A tarefa (arte) do biógrafo não possui um segredo ao longo do percurso, embora, via de regra, evidencie que a relação estabelecida entre biógrafo e biografado pareça muitas vezes intrínseca, afinal, porque um biógrafo escolhe este ou aquele personagem? Acima de tudo,

porque ele agrada-me, interessa-me, diverte-me, comove-me, pelos seus méritos, pelos seus triunfos, pelas suas misérias, pelas suas grandezas e, até, pelos seus defeitos e, por vezes, pelos seus vícios. É preciso suportar tudo: uma biografia é um casamento. O meu personagem nunca me deixa indiferente – sobretudo quando me escandaliza (Orieux, 1986, p. 39).

Esta “tarefa” desdobra-se em questões secundárias, e os resultados por vezes são confusos e ambíguos. Nesse sentido, uma biografia pode contribuir para uma reflexão acerca das diversas facetas do biografado, pois é através da narrativa histórica que se “[...] opera uma síntese dinâmica entre identidade *idem* (mesmidade), isto é, o conjunto de traços que permanecem estáveis no indivíduo[...] e, de outra parte, a identidade *ipse*,

isto é, a maneira particular que cada indivíduo tem de dar um sentido particular ao tempo e aos acontecimentos biográficos através da narrativa” (Delor, 1997, p. 37-38, tradução nossa), o que sugere que “a biografia não é de uma pessoa singular e sim a de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo” (Levi, 1996, p. 175) . Contudo, essa tensão não nos parece facilmente observável. É a partir dessa problemática que buscamos analisar, sobretudo, na dimensão da individualidade, questões mais amplas da sociedade, constituindo-se, portanto, a biografia, uma via de acesso para esse entendimento. Em outras palavras, a individualidade representa uma forma socialmente instituída. Ao biógrafo cabe questionar-se sobre a vida do biografado como existência dotada de sentido linear, pois aceitar essa linearidade é negar a descontinuidade do real.

Notas

¹ Dias (2001). Neste trabalho, orientado pela Prof^a Dr^a. Margaret Marchiori Bakos, nosso objetivo foi o de analisar a atuação política de Borges de Medeiros desde que foi apeado da chefia do governo estadual em dezembro de 1927 até 1934, quando retorna do exílio. Borges de Medeiros deixou vestígios que nos instigaram a rastrear sua trajetória política e que foram aparecendo com a consulta à valiosa documentação no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul; além disso, inúmeros recortes de jornais “selecionados” ao longo desse período por Borges de Medeiros e sua família, algumas mensagens presidenciais de Borges de Medeiros e uma significativa pesquisa bibliográfica. A convicção e a segurança com que Borges revela suas novas idéias só podem ser compreendidas nos marcos do conturbado contexto pós-1930. As alterações, os descontentamentos que vivenciou naqueles anos, desde que deixara o poder na presidência do Estado em 1928 até os anos de exílio, nos indicam que sua atuação, no plano secundário das decisões políticas, parece ter se refletido nas mudanças

em seu pensamento. Como diria o próprio Borges de Medeiros: “*tenho de evoluir. O homem público tem de acompanhar as idéias da época.*” O “*sentido retumbante da vida*” de Borges de Medeiros parece ter sido mesmo a cena política e foi assim que, na década de 30, o velho chefe redirecionou sua atuação, voltando-se para algumas reflexões acerca dos rumos do País.

² Ao longo deste trabalho discutiremos, rapidamente, o sentido e os efeitos que adquirem a *velhice* na trajetória de Borges de Medeiros. Além disso, a apreensão de alguns conceitos que norteiam nosso trabalho, como **mito** (o que foi dito sobre Borges), **memória** (o que Borges disse sobre si), e **silêncio** (o que pode ser revelado a seu respeito) estarão ditos de muitas maneiras ao longo deste texto.

³ Cf. Dias (1997), o encadeamento dos elementos que constituem os oito volumes da obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*, e as inquietações suscitadas, têm instigado inúmeras análises sobre o que teria motivado Proust a escrever mais de

três mil páginas, numa autobiografia fictícia. Na obra, transparece a interrogação permanente sobre o sentido, a verdade, a essência, o tempo. Para além disso, a questão temporal da narrativa evidencia uma certa busca de si mesmo, cuja memória é o refúgio.

⁴ Cf. Agostinho, existem três “tempos”: lembrança presente das coisas passadas; visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras. Essa concepção de tempo como “movimento intuído”, esboçada por Agostinho, será aprofundada na filosofia moderna por Henri Bergson.

⁵ Nos referimos, sobretudo, à valiosa documentação existente no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Trata-se do acervo particular de Borges de Medeiros e Saldanha. A relação entre Medeiros e Saldanha no período em que o “velho chefe” esteve exilado (1932-1934) é fundamental para entendermos a origem de grande parte dessa documentação. Saldanha atuou como secretário particular de Medeiros, além de ter sido seu genro. Medeiros, de seu exílio no Recife, enviava, sistematicamente, correspondências a Sinval Saldanha. Além disso, inúmeros recortes de jornais *selecionados* por ambos ao longo desse período foram preservados. Esses recortes variados revelam-se uma importante fonte de informação. O acervo foi doado em 11 de dezembro de 1998 pela família Saldanha Laurent ao Memorial do Rio Grande do Sul, sob a guarda do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Em um primeiro momento, pensou-se que os documentos eram provenientes unicamente das atividades de Antonio Augusto Borges de Medeiros, entretanto, a análise do acervo demonstrou que esse provinha quase exclusivamente do arquivo particular de Sinval Saldanha. O engano inicial foi uma decorrência dos fortes laços profissionais, políticos e familiares desses dois

personagens, o que ocasionou que as vidas de ambos corresse paralelas, ao longo de várias décadas. As correspondências, fotos, etc. cujo critério de proveniência pode ser considerado como sendo de Borges, ali se encontram por ter Sinval agido como seu secretário particular e representante político, além de ter casado com Dejanira, sua filha adotiva. Além dessa documentação, complementaram nossa investigação algumas mensagens presidenciais de Borges de Medeiros (1898-1923), os Anais da Assembléia dos Representantes do Rio Grande do Sul (1922), a Constituição Rio-Grandense de 14 de julho de 1891 e uma extensa e significativa pesquisa bibliográfica.

⁶ Cf. Schmidt (1996), no âmbito teórico, a volta da biografia está relacionada com a crise do paradigma estruturalista que nas décadas de 60 e 70 “orientou” a historiografia. Nesse sentido, o retorno da biografia é um movimento internacional e perceptível em diversas correntes historiográficas, entre elas a nova história francesa que corresponde à terceira geração que assumiu a direção da revista *Annales*, reivindicando a herança e a continuidade da Escola; os “novos” historiadores britânicos, que recuperam a dimensão subjetiva dos processos sociais, negligenciados pelos enfoques marxistas excessivamente estruturalistas; a micro-história italiana destacando-se o trabalho do historiador Carlo Ginzburg, que se vale da mediação da cultura para salientar os limites da singularidade pessoal, e por fim, a psico-história, que não é exatamente uma tendência recente e nem tem uma *nacionalidade*, em linhas gerais, tem como meta fundamental resgatar os caminhos que ligam a subjetividade ao contexto social.

⁷ Cf. Norberto Bobbio (1998, p. 713-716), é necessário considerar a *liderança* como um papel que: a) desenvolve-se num contexto específico de interações e reflete em si mesmo a “situação” desse contexto; b) manifesta

determinadas motivações do líder e exige atributos peculiares de personalidade e habilidade, além de recursos específicos, tudo isso variáveis do papel, relacionadas com o contexto; c) relaciona-se com as expectativas dos liderados, seus recursos, suas aspirações e suas atitudes. Além disso, os atributos de personalidade somados à figura do líder não podem ser confundidos com sua imagem: quer no sentido de “auto-imagem” – aquela que o líder tem de si próprio, ou que pelo menos acredita ter – quer no sentido da imagem que os liderados constroem para si com relação a seu líder. Por exemplo, a “grandeza” acaba se revelando muito mais como um atributo da imagem do que da pessoa a que se atribui. De qualquer forma, é sempre necessário distinguir entre a imagem do papel e a imagem de seu titular.

⁸ Cf. João Neves da Fontoura (1958), ao sair do governo estadual em dezembro de 1927, Borges de Medeiros irá retirar-se à fazenda de Irapuazinho. Ao que tudo indica, mesmo algumas das mais importantes decisões tomadas pelo chefe republicano ocorrem nesse local.

⁹ Cf. Ribeiro (1998, p. 35), a necessidade intuitiva que o homem possui de preservar-se, e não apenas o desejo de perpetuar-se, mas mais do que isso, o de constituir a própria identidade pelos tempos adiante, responde ao anseio de forjar uma glória.

¹⁰ Cf. Abbé Dinouart (1996, p. 44-45), “Le silence politique est celui d’un homme prudent, qui se ménage, qui se conduit avec circonspection qui ne s’ouvre point toujours, qui ne dit pas tout ce qu’il pense, qui n’explique pas toujours sa conduite et ses desseins; qui, sans trahir les droits de la vérité, ne répond pas toujours clairement, pour ne point se laisser découvrir” (tradução nossa).

¹¹ O ostracismo – do grego *ostrakismós* – foi estipulado por Clístenes, em 50 a.C.

Consistia no voto pelo qual a população poderia mandar um cidadão para o exílio por dez anos, como medida de protecionismo da democracia que emergia. Era aplicado pela Assembléia, por meio de votação secreta, a que os atenienses condenavam os cidadãos cuja presença consideravam perigosa, designavam, então, a quais acusados deveria ser aplicado o ostracismo ou a *áideia* (o perdão). Caso a decisão determinasse ao cidadão ser ostracizado, marcava-se o dia em que se realizaria a *ostrakophoria*. O condenado deveria deixar o país no prazo de dez dias. Essa forma de punição afetava diretamente a cidadania daquele que era acusado de ir de encontro aos princípios do Estado. O exílio implicava o abandono do centro do poder e a perda dos direitos políticos – possibilidade de ocupar funções públicas e de interferir no destino político de Atenas – garantidos pela posse do título de cidadão.

¹² Aos 57 anos de idade, o escritor irlandês William Butler Yeats já não se sentia confortável com a idade ao dizer num tom amargo e doloroso: “Estou cansado e furioso por estar velho; sou tudo o que era e até mais, mas um inimigo atou-me e torceu-me de tal maneira que posso fazer planos e pensar melhor do que nunca, mas não posso mais executar o que projeto e o que penso.”

¹³ Nos referimos principalmente a cartas e entrevistas de Borges de Medeiros transcritas em jornais, ou mesmo citadas por outras pessoas. Destacamos dois fragmentos citados por João Neves da Fontoura: “Está prestes a encerrar-se este tormentoso quinquênio presidencial, e o que vai alvorecer é cheio de esperanças e promessas[...]. Dentro de poucos meses volverei ao convívio comum dos meus concidadãos, tranqüilo e satisfeito porque só pensei no bem e nos meios de realizá-lo, empenhando para isso o máximo de *minhas débeis forças e Avelhantado e cansado*, só aspiro servir a nossa terra na medida das forças que

me restam e sem nenhuma responsabilidade oficial” (grifos nossos).

¹⁴ Na primeira parte desse livro, a autora examina o que a Biologia, a Antropologia, a História e a Sociologia contemporâneas têm nos ensinado sobre a velhice. Na segunda parte, a autora descreve a maneira pela qual o velho interioriza sua relação com o próprio corpo, com o tempo, com os outros. Cf. a autora (1990, p. 12), a lamentável atitude da sociedade para com os velhos denuncia

o fracasso de toda a nossa civilização: “diante da imagem que os velhos nos propõem de nosso futuro, permanecemos incrédulos; uma voz dentro de nós murmura absurdamente que aquilo não vai acontecer conosco; não será mais a nossa pessoa quando aquilo acontecer. Antes que se abata sobre nós, a velhice é uma coisa que só concerne aos outros. Assim, pode-se compreender que a sociedade consiga impedir-nos de ver nos velhos nossos semelhantes”.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. Livro XI, 20.

ALMEIDA, João Pio de. *Borges de Medeiros: subsídios para o estudo de sua vida e de sua obra*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1928.

BAUMER, Franklin Le Van. *O pensamento europeu moderno*. vol. 1 – séculos XVII e XVIII e vol. 2 – séculos XIX e XX. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOBBIO, Norberto et al. *Dicionário de política* 11. ed. Brasília: Ed. da UnB, 1998.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

DELOR, François. *Serópositif: trajectoires, identitaires et rencontres du risque*. Paris: Éditions L’Harmattan, 1997.

DIAS, Carlos G. P. *Antonio Chimango no limiar da velhice* (Apontamentos sobre a trajetória política de Borges de Medeiros: 1928-1934). 2001. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) PUCRS, Porto Alegre.

DIAS, Cristiane P. Proust: a busca no interior do tempo contado. In: *Revista Idéias*. n. 6. UFSM, p. 22-29, dez. 1997.

DINOUART, Abbé. *L’art de se taire* (1771). Paris: Éditions Jérôme-Million, 1996.

FONTOURA, João Neves da. *Memórias: Borges de Medeiros e seu tempo*. v. I. Porto Alegre: Globo, 1958.

FRANCO JR., Hilário. Resenha: LE GOFF, Jacques. Saint Louis. *Revista de História*, n. 134, FFLCH – USP, p. 71-76, 1996.

GIRARDET, Raul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HELLER, Agnes. *Uma teoria da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ORIEUX, Jean. A arte do biógrafo. In: DUBY, G. et al. *História e nova História*. Lisboa: Teorema, 1986.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, *Estudos Históricos*. "Arquivos Pessoais". Rio de Janeiro: Centro de Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Uma reflexão sobre o gênero biográfico: a trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)*. 1996. Dissertação (Mestrado) – UFRGS, Porto Alegre.